

Σ SIGMA


Revista Eletrônica do Instituto de Ensino Superior do Amapá

AMAZÔNIA E NARRATIVA: REFLEXÕES SOBRE O PROTAGONISMO DA MULHER VELHA EM DOIS CONTOS ORAIS DA MATINTAPERERA

AMAZON AND NARRATIVE: REFLECTIONS ON THE PROTAGONISM OF THE OLD WOMAN IN TWO ORAL TALES BY MATINTAPERERA

Andressa de Jesus Araújo Ramos 

Rubenil da Silva Oliveira 

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões 

RESUMO

De acordo com Zimerman (2007), no mundo todo, à medida que os anos sucedem, aumenta o número de velhos. Além do aumento da expectativa de vida, existe também o fenômeno da feminização ou a feminilização da velhice, que consiste no fato de existirem mais mulheres com 60 anos de idade do que homens. Contudo, apesar de o número de mulheres ser superior ao de homens, elas experimentam, de acordo com Debert (1994), uma situação de dupla vulnerabilidade com o peso somado de dois tipos de discriminação: o de ser mulher e o de ser velha. Nesse sentido, o objetivo geral é refletir sobre a representação da velhice feminina em duas narrativas orais da Matintaperera, recolhidas pelo "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense" (IFNOPAP).

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Narrativa. IFNOPAP. Matintaperera.

ABSTRACT

According to Zimerman (2007), worldwide, as years pass, the number of elder people increases. In addition to the increasing in life expectancy, there is also the phenomenon of feminization of old age, which consists in the fact that there were more women aged 60 years than men. However, despite the number of women being higher than men, they experience, according to Debert (1994), a situation of double vulnerability with the added weight of two types of discrimination: being a woman and being old. In this sense, the general objective is to reflect on the representation of female old age in two oral narratives from Matintaperera, collected by "The Imaginary in Popular Oral Narrative Forms of Amazon in Pará" (IFNOPAP).

KEYWORDS: Amazon. Narrative. IFNOPAP. Matintaperera.

INTRODUÇÃO

Na cultura brasileira contemporânea, o corpo sexy, juvenil e magro é, segundo Goldenberg (2008), um bem, possivelmente o mais cobiçado pelos sujeitos das camadas mais ricas e também das mais pobres, que o percebem como um importante meio de ascensão social. Desse modo, em uma cultura, na qual o corpo é um capital no mercado do casamento, sexual e profissional, o físico gordo, velho ou fora de forma é negado, rejeitado e estereotipado.

Para Beauvoir (2018), a repulsa pela anciã sucede porque ela foi destinada a ser, na visão do homem, um objeto sexual, e a partir do momento em que se torna velha e feia, ela perde o seu espaço, o qual foi determinado pela sociedade, tornando-se assim um monstro que causa rejeição e até mesmo temor. A filósofa existencialista explica ainda, que tanto na Antiguidade, quanto no folclore, a idosa foi constantemente associada a uma feiticeira/bruxa¹.

A maioria das concepções que temos sobre a figura da bruxa foi criada, de acordo com Vieira (2007), no passado e estão carregadas de preconceitos e estereótipos, pois a revela como uma mulher velha, cansada, solitária, de cabelos grisalhos, com verruga no nariz e dona de uma risada espantosa. Além dessas características físicas negativas atribuídas à bruxa, ela também é representada como mentalmente perturbada e louca.

Contudo, os resultados parciais de nossos estudos em duas narrativas orais da Matintaperera, recolhidas em Abaetetuba, no estado do Pará, pelo IFNOPAP, revelaram uma mulher ativa, divertida e desprendida dos padrões sociais impostos às velhas, revelando, assim, um protagonismo da mulher na velhice. Nesse sentido, o objetivo geral desta investigação é refletir sobre a representação da velhice feminina em duas narrativas orais da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP.

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, com abordagem qualitativa, cuja metodologia consistiu em: a) revisão da literatura; b) estudo da velhice

¹ Apesar de as palavras "feiticeira" e "bruxa" serem escritas de forma diferente, apresentam, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), significados que se aproximam, pois, "feiticeira" significa "bruxa" e "bruxa" que dizer uma mulher que tem fama de se beneficiar de supostas forças sobrenaturais para causar o mal. Fares (1997) destaca que os termos "bruxaria" e "feiticaria" aparecem em alguns autores com sentidos diversos, pois a primeira são mulheres que têm a faculdade de fabricar receitas mágica e esse dom é inato, isto é, nasce com elas, por outro lado, a segunda também produzem receitas, porém é uma prática aprendidas e não inata.

feminina; c) exame da lenda da Matintaperera em textos diversos; d) leitura dos contos da Matintaperera, recolhidos de coletâneas, *Santarém conta...*, *Abaetetuba conta...*, *Belém conta...* e *Bragança conta...*; e) seleção de duas narrativas orais da Matinta; f) análise literária dos contos escolhidos. O referencial teórico deste trabalho ampara-se em: Beauvoir (2018), Goldenberg (2017), Debert (1994), Salgado (2002) e Wolf (2020).

Sendo assim, este artigo apresenta, além desta introdução, das considerações finais e das referências, duas seções. A primeira, intitulada A trajetória do projeto de pesquisa "O imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia paraense" (IFNOPAP), reflete sobre a história do projeto, os idealizadores, os objetivos iniciais e os atuais, os livros publicados e a sua importância para a academia, sociedade e cultura. A segunda seção, denominada As mulheres velhas nas narrativas orais amazônicas da Matintaperera, por sua vez, apresenta a análise literária de dois contos orais da Matintaperera, recolhidos na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, pelo IFNOPAP.

1 A TRAJETÓRIA DO PROJETO DE PESQUISA "O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE" (IFNOPAP)

As narrativas orais estão sempre presentes na história da humanidade, desde que o homem começou a se comunicar e entender que contando histórias ele tinha o poder de entender, criar, inventar e modificar a realidade a sua volta. As pessoas vivem cercadas de histórias e muitas dessas narrativas auxiliam e fazem parte da identidade individual e do grupo que pertencem. Todo indivíduo carrega um potencial de contador/ouvinte de narrativas (RODRIGUES, 2010, p. 10).

"O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense" (IFNOPAP) é um projeto integrado da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Guamá, Belém-PA, idealizado pela professora Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e pelo professor Christopher Golder, ambos da UFPA, que engloba, conforme Sousa (2014), distintas áreas do saber, tais como, a Literatura, a Arqueologia, a Linguística, a Sociologia, a Antropologia, dentre outras.

Em 1994, o IFNOPAP iniciou, de acordo com Simões (2010), a proposta de recolha das lendas e dos mitos da Amazônia, recebendo auxílio de pesquisadores, professores, bolsistas e profissionais de distintas áreas do conhecimento, levando ao

patamar “[...] em que hoje se encontra, ou seja, uma proposta institucionalizada, com o formato de Campus Flutuante” (SIMÕES, 2010, p.10).

A idealizadora e coordenadora do projeto conta que ele objetivou, a princípio, agrupar as inúmeras formas “[...] de narrativas orais contadas pelo amazônida [...] numa tentativa de ‘mapear o que se conta no Pará’, para preservação da memória da região” (SIMÕES, 2010, p. 10). Dessa forma, em 1994, o projeto iniciou com o formato de

[...] Programa de Pesquisa, tendo sido implantado em seis dos oito Campi Universitários do Interior. Os municípios atingidos foram: Santarém, Castanhal, Abaetetuba, Bragança, Marabá, Cametá, e o Campus-sede da UFPA em Belém. O sistema de Campi Avançados constituiu a estrutura adequada para pesquisa de tão grande alcance, permitindo uma ampla cobertura do território paraense, envolvendo grande número de professores e de estudantes de todas as microrregiões do Pará. O material recolhido possui uma riqueza e diversidade ímpares. Tal fato propiciou inúmeras propostas, organizadas em subprojetos de várias áreas de pesquisa, principalmente, dos Centros de Letras, Ciências Humanas e Educação (SIMÕES, 2010, p. 10-11).

Figura 1: Registro do momento em que a narradora conta uma história para a pesquisadora do IFNOPAP, em 1994



Fonte: Acervo do IFNOPAP.

Figura 2: Registro do momento em que o narrador conta uma história para a idealizadora e coordenadora do IFNOPAP, em 1994



Fonte: Acervo do IFNOPAP.

Algumas narrativas orais recolhidas pelo IFNOPAP foram traduzidas (do oral para o escrito) e publicadas em livros, denominados *Santarém conta...*, *Belém conta...*, *Abaetetuba conta...* e *Bragança conta*, pela editora da Universidade Federal do Pará (UFPA). Porém, outras histórias permanecem inéditas, armazenadas em *cd's*, *pendrive* e também em computadores na sala do projeto, na UFPA, Campus Belém.

O livro intitulado *Santarém conta...* foi a primeira coletânea a ser publicada pelo IFNOPAP, em 1995, e contempla cinquenta e duas narrativas e sete histórias recriadas por pesquisadores, envolvendo distintos gêneros: o sensual, o irônico, o cômico. Em resumo, esse volume é o encontro das águas, o “[...] encontro da realidade com o mito, encontro da tradição com a modernidade, da cultura popular com a erudita [...], encontro oral e do escrito” (SIMÕES; GOLDER, 1995a, p. 09).

A coletânea *Belém conta...*, por sua vez, é o segundo livro publicado pelo projeto e se constitui de trinta e seis narrativas e catorze recriações. Além das histórias, esse volume, diferentemente do anterior, conta com depoimentos, isto é, “testemunhos dos pesquisadores. Como eles vivem a pesquisa, os problemas, os momentos de alegria” (SIMÕES; GOLDER, 1995b, p. 177). Na realidade, esse livro visava divulgar em toda a comunidade “[...] parte do rico material recolhido nos

primeiros 12 meses de pesquisa de campo em bairros e distritos de Belém” (SIMÕES; GOLDER, 1995b, p. 06).

Por outro lado, *Abaetetuba conta...* é o terceiro volume da coleção de contos orais populares do IFNOPAP e totaliza cinquenta e duas narrativas e oito recriações. Trata-se de “[...] um mundo de surpresas que se identifica de maneira global com a exuberante região em que está localizada” (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 06).

E, por fim, *Bragança conta...*, é o quarto livro do IFNOPAP e o mais recente, lançado no dia 03 de junho de 2016, no Hangar - Feira Pan - Amazônica do livro, que contempla o maior número de histórias, pois contabiliza setenta e sete narrativas e dez recriações. Essa coletânea é composta por histórias que evocam narrativas associadas à temática de heróis da Idade Média, “[...] famosas matintas [...], botos, seres encantados, assombrações a até reminiscência de histórias do passado inspiradas em Perrault” (SIMÕES, 2016, p. 06).

Além dos quatro livros publicados pelo IFNOPAP, Sousa (2014) salienta que ele promoveu o estudo e também a publicação do primeiro *Dicionário da língua indígena Asurini* escrito, inicialmente, na língua de origem e posteriormente traduzida para a Língua Portuguesa.

Figura 3: Os livros do IFNOPAP²



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

² Os livros do IFNOPAP podem ser encontrados na Estante Virtual, bem como na Livraria Saraiva, do Shopping Boulevard, na Livraria Leitura, do Shopping Pátio Belém e na Editora da UFPA, Campus Guamá, Belém-PA.

O IFNOPAP também produziu e ainda vem produzindo diversos materiais audiovisuais, tais como vídeos e curta metragem em âmbito nacional, *cd's-rom* veiculados a subprojetos. No ano de 2020, o projeto, em parceria com a produtora cultural *Na Cuia*, lançaram o *podcast*³ "Conto Ribeirinho", que transferiu as narrativas orais para a internet, em um formato atual e acessível, com o intuito de resgatar as histórias recolhidas ao longo de seus 26 anos de existência e divulgar esses relatos de maneira exclusiva e envolvente.

Em notícia publicada na página da UFPA, *Podcast - O Conto Ribeirinho* foi o primeiro da série de quatro, que foram produzidos pela *Na Cuia* produtora cultural, juntamente com o IFNOPAP e a Rádio *Web* UFPA, como fruto do Prêmio Proex de Arte e Cultura/2019, trazendo especificidades da cultura amazônica.

A temática escolhida para o primeiro episódio foi a personagem *Matintaperera*. A equipe percebeu que, entre as narrativas do IFNOPAP, essa história se repetia diversas vezes, contudo, suas características mudavam de localidade para localidade. Isso acontece porque a *Matinta* é, como defende Fares (2007), multifacetada. A pesquisadora Andressa Ramos (2019) justifica, em sua dissertação de mestrado, que a entidade apresenta infinitas traduções, podendo ser, em sua constituição humana, homem-mulher, jovem-idosa. No que se refere à metamorfose, ela pode se transformar em animais, de classes biologicamente distintas tais como ave, anfíbio, réptil, mamífero e peixe, o que a possibilita transitar em meios aéreos-terrestres, rural-urbano, podendo ser quadrúpede ou bípede. O assobio, por sua vez, se estabelece pela alteridade (boca-ânus). A tradução, na visão da autora, está amparada no pensamento do espanhol Jorge Larrosa (1996), que a compreende como um processo que envolve a interpretação, assumindo, assim, um sentido metafórico, que estabelece uma ação singular de caráter intersubjetivo e também intercultural, que promove uma experiência resultante da transformação de si pela relação com a alteridade do outro (outro texto, outra cultura, outros sujeitos), isto é, como os narradores ifnopapianos compreendem a figura mítica da *Matinta*. Desse modo, Larrosa (1996) propõe que interpretar é traduzir e toda tradução é um

Translado, transformación mutua, familiarización de lo extraño, extrañamiento de lo familiar, intermediación. En la traducción, como en

³ O primeiro episódio do conto ribeirinho traz como tema o mito da *Matintaperera*, que pode ser encontrado em: <https://podcast.belem.br/nacuia/2020/03/02/matinta-perera/>.

la lectura, siempre es cuestión de un juego de diferencias. Entre las lenguas entre el libro y el lector, entre cada lengua y ella misma por mediación de la lengua extranjera, entre el libro y él mismo a través del lector, entre el lector y si mismo gracias al libro, entre las palabras y las cosas, entre la biblioteca y la productividad permanente del sentido. La traducción, como la lectura, tienen su lugar en un entre (LARROSA, 1996, p. 303).⁴

Retomando ao *EP*, ele apresenta narrativas recolhidas no ano de 1994, nas cidades de Abaetetuba e de Ananindeua. Os áudios históricos são costurados através de uma narração cativante, a qual conduz o ouvinte para dentro dos enredos das histórias coletadas pelo IFNOPAP.

Nos dias de hoje, o IFNOPAP é referência para os pesquisadores, que possuem interesse em pesquisar ou apenas conhecer as narrativas orais da Amazônia. O projeto passou do caráter regional para o internacional e interdisciplinar. A coordenadora, embora esteja aposentada pela UFPA, continua ainda bem atuante.

Nesse sentido, Sousa (2014) explica que o IFNOPAP foi e continua sendo temática de diversas pesquisas em vários níveis de estudo, desde monografias e dissertações até teses de doutorado, pois tem um gigantesco acervo de narrativas orais, que foram recolhidas no nordeste da Amazônia paraense.

Sendo assim, após refletirmos sobre a trajetória do projeto de pesquisa IFNOPAP, na seção posterior apresentaremos a análise literária de duas narrativas orais da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP, que revelam um novo perfil do ser feminino na velhice, o qual não vem carregado de estereótipos e nem de preconceito, mas de novidade, liberdade e agilidade.

2 AS MULHERES VELHAS NAS NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS DA MATINTEPERERA

“[...] envelhecer, para elas, tem um ganho positivo. Só mais velhas podem ser livres e seguir a própria vontade” (GOLDENBERG, 2017, p. 72).

⁴ “Transferência, transformação mútua, familiarização do estranho, estranhamento do familiar, intermediação. Na tradução, como metáfora, é sempre uma questão de jogo de diferenças. Entre as línguas, entre o livro e o leitor, entre cada língua e por meio da língua estrangeira, entre o livro e ele mesmo através do leitor, entre o leitor e ele próprio, graças ao livro, entre palavras e coisas, entre a biblioteca e o mundo, entre todos eles e entre a instabilidade e a produtividade permanente do significado. A tradução assume seu lugar próprio, porém também está em um entre lugar” (LARROSA, 1996, p. 303, *tradução nossa*).

“Fiu! Fiu!” é o nome dado à narrativa oral da Matintaperera, contada por Manoel P. da Fonseca, em 1995, recolhida pelo IFNOPAP, na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará. O relato revela a história de Dona Laura, uma mulher velha, de 70 anos, que se metamorfoseava em Matintaperera. O conto inicia com Raimundo ouvindo boatos que a anciã estava muito doente em sua casa e, como era costume dos mais antigos socorrer quem estivesse “doente ou morrendo”, principalmente, os mais velhos, pois representavam fragilidade, necessidade e pobreza, ele resolveu sair do trabalho e ir direto à residência dela, para prestar-lhe auxílio. Contudo, no meio do caminho algo inusitado aconteceu, ela pulou:

[...] Pah! E suspendeu a bunda pra cima e a saia, e acendeu a bunda pro lado dele e fez assim: -Fiu, Matintaperera! Aí, ela se endireitou e disse: -Agora vai contar, ouviste?. Ele agarrou, ele veio embora, diz ele que não sabe como não caiu o atorá da costa dele (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 21).

A partir de trechos da narrativa de Manoel P. da Fonseca, podemos observar que a idosa não segue um perfil tradicional de velha, associada a uma bruxa medieval, que se trata de “[...] uma mulher que tem fama de se utilizar de supostas forças sobrenaturais para causar malefícios, prescrutar o futuro e fazer sortilégios” (HOUAISS, 2009, p. 333) e que é “[...] muito feia e/ou azeda e mal-humorada” (HOUAISS, 2009, p. 333), mas de uma prolecta cheia de energia, vitalidade e agilidade, tanto é que ela superou as expectativas de Raimundo, pulando em sua frente e ainda o desafiando “Agora vai contar, ouviste?” (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 21). Essas atitudes da vetusta evidenciam um protagonismo feminino na senectude, dado que ela não se apresenta como “[...] uma pessoa chata, triste, deprimida, cansada, doente e solitária” (ZIMERMAN, 2007, p. 19), mas simpática, feliz, animada, dinâmica, saudável e sociável. Além disso, ela não esconde e nem sente vergonha de seu corpo envelhecido, mas o revela, comprovando, assim, que a velhice não interfere, em nada, a sexualidade da mulher, pois, preconceituosamente, foi estabelecido um protótipo de velho(a) e como sujeitos assexuados.

A cultura hispano-americana, sobretudo, concebe a sexualidade da anciã, de acordo com Salgado (2002), como fonte de humor, sendo considerada ridícula e imprópria. Esse preconceito ocorre, em geral, ao equiparar de forma equivocada a sexualidade feminina a sua capacidade reprodutiva. Na realidade, essa discriminação para com a velha está diretamente ligada a sexismo e é a ampliação lógica da

insistência de que o valor da mulher é medido na atração e utilidade que elas oferecem ao homem. Dentro dessa condição, isto é, no esforço das mulheres de serem belas e atrativas, a aproximação delas com a velhice resulta em algo assustador e temível, pois elas têm sido treinadas para “[...] temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento” (SALGADO, 2002, p. 12).

O medo que as mulheres brasileiras têm de envelhecer ocorre porque foi estabelecido o culto à beleza e à juventude. Kamkhagi (2008) ressalta que a mídia brasileira, principalmente a partir da década de 1960, venerava a beleza e a juventude e, infelizmente, isso ainda se mantém nos dias atuais.

No culto à beleza, as mulheres devem, conforme (WOLF, 2020, p. 29) “[...] encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens”. A jornalista e escritora feminista estadunidense destaca ainda que a veneração pela beleza não tem nada a ver com as mulheres. Ela gira em torno das organizações masculinas e do poder normatizador dos homens.

Sobre a jovialidade, Wolf (2020) salienta que juventude e virgindade são vistas como “belas” nas mulheres por representarem a ingenuidade sexual e a ausência de vivência. Por outro lado, o envelhecimento na mulher é “feio” porque elas, com o atravessar do tempo, conquistam liberdades e também porque as relações entre as gerações de mulheres devem ser reduzidas, haja vista que as mais maduras temem as mais jovens e vice-versa.

Contudo, como podemos verificar nesse conto, a mulher velha não está nenhum pouco preocupada com a aparência e muito menos com o seu corpo, que está envelhecido. Ela está muito mais preocupada consigo mesmo e em se divertir, em se mostrar, brincar e revelar a todos (as), que está muito bem, pois a felicidade não está “[...] no corpo perfeito, na família perfeita, no trabalho perfeito, na vida perfeita, mas na possibilidade de ‘ser ela mesma’, exercendo seus desejos, explorando caminhos individuais” (GOLDENBERG, 2017, p. 23).

O conto “Fióte”, por sua vez, foi narrado por Joana d’Arc, apresentando algumas semelhanças e diferenças com a narrativa de Manoel da Fonseca. Trata-se da história de uma velha, que, diferente do anterior, não tem seu nome revelado na história, é uma mulher anônima, sem identidade, sem história, como a sociedade, muitas vezes, enxerga o idoso, aquele que não tem nome, não tem voz, não tem um lugar, está em um entre lugar, está às margens da comunidade, que surge no meio

do trajeto de um grupo de músicos de uma orquestra, a bordo de uma canoa, pedindo carona. Eles, então, resolveram dar carona à inofensiva velha, pois não sabiam que ela tinha o fado⁵ de se transformar em Matinta. Os artistas saíram e foram embora “[...] remando, remando” (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 175) e de repente ela “[...] virou a bunda pra cima e deu um assobio – Fióte! Matintaperera. Ela fez” (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 175).

O conto revela que o silvo da personagem foi tão alto, que todos caíram na água e quando foram se recompor “[...] a velha estava sem a cabeça. Estava só o corpo da velha” (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 175). Como verificamos, essa história, assim como a outra, não descreve uma velha que esconde seu corpo por vergonha, mas o exhibe e faz questão de ser olhada pelo outro. Essa narrativa traz algo novo, que é o fato de a Matinta perder, em determinado momento da história, a cabeça, fazendo-nos lembrar de um outro mito, que é o da mula sem cabeça.

Pereira (2007) esclarece que a mula sem cabeça é, na realidade, uma mulher metamorfoseada em mula, que foi amaldiçoada por descumprir uma regra da igreja, pois foi namorar um padre e, por conta disso, toda passagem de quinta para sexta-feira se dirige a um cruzamento a fim de se metamorfosear. Após a transformação da mulher em besta, ela percorre sete povoados durante a noite toda e se topar com alguém, consome seus olhos, unhas e dedos. Assim sendo, essa entidade aparece como “[...] um animal inteiro, forte, lançando fogo pelas narinas e boca, onde tem freios de ferros” (PEREIRA, 2007, p. 20).

A partir das informações fornecidas pela narrativa oral e das explicações de Pereira (2007), podemos estabelecer três aspectos comuns entre a Matinta e a Mula sem cabeça. O primeiro deles, refere-se à transformação do humano em um ser sobrenatural, o segundo é a associação da metamorfose ao pecado e, por fim, o terceiro é o fato de ambas não terem ou, em algum momento da história, perderem a cabeça.

“Fiu! Fiu!” e “Fióte” têm em comum o fato de as Matintaspereras assobiarem não pela boca, como nas narrativas clássicas, mas pelo ânus, estabelecendo, assim, a alteridade (boca-ânus). Tiburi (2004) elucida que a relação entre o ar que sai pela boca e o que sai pelo ânus se trata de uma confirmação de “[...] uma ideia de alma,

⁵ O fado seria o destino preestabelecido ainda no útero materno através de uma força sobrenatural ainda no útero materno.

no sentido primitivo, como o último suspiro, quando seria explorada a vida” (TIBURI, 2004, p. 62). A partir de Abrahan, o pai da psicanálise defendeu, que o “[...] o ânus corresponde embriologicamente à boca primitiva, que migrou para o final do intestino” (FREUD, 2010, p. 178).

Conforme foi discutido, os resultados parciais de nossa pesquisa de doutorado revelaram um novo olhar sobre a velhice feminina, que não vem carregado de preconceitos e nem estereótipos, mas de novidade, alteridade e liberdade. Evidenciando assim um protagonismo feminino na velhice, através das narrativas orais da Matintaperera, recolhidos na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, pelo IFNOPAP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais de nossa pesquisa de Doutorado que investigou narrativas orais da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP revelaram uma nova representação da mulher na velhice, uma vez que não se trata de uma mulher idosa, assustadora, doente, malvada, alusiva a uma bruxa medievalista, como nas narrativas tradicionais, mas se refere a uma mulher velha ágil, divertida e forte, que não sente vergonha de seu corpo envelhecido, mas o exhibe, demonstrando prazer em o mostrar e também em ser olhada pelo outro.

Nesse sentido, os contos “Fiu! Fiu!” e “Fióte” do IFNOPAP, além de refletirem sobre esse novo perfil da mulher anciã, ainda discute a sexualidade da mulher na senescência, colocando-a não como um sujeito assexuado, mas sexuado, pois em uma sociedade capitalista que valoriza o novo e o belo, o (a) velho(a) é desautorizado(a) a usufruir dos prazeres da sexualidade, como se esse elemento fosse algo exclusivo do (a) jovem.

Acreditamos que este artigo contribuirá de forma significativa aos estudos da velhice e/ou envelhecimento feminino nos cursos de Letras (Estudos Literários), tanto em nível de Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras, pois se trata de um tema que é pouco discutido, estudado e publicado em nossa área.

Em nossas investigações, nos Repositórios Institucionais on-line das renomadas Universidades, por exemplo, constatamos, que a maioria das teses desenvolvidas sobre a temática da velhice se restringem ao campo da clínica, são pouquíssimos os trabalhos na área das Ciências Humanas, sobretudo nos cursos de

Doutorado em Letras que abordam essa etapa da vida humana. Nesse sentido, a abordagem que se oferece da senescência nessas pesquisas é clínica e não humanística. E, isso se torna algo extremamente preocupante para nós: os literários, pois deixamos de desenvolver nossa função social: a de humanizar os sujeitos através dos textos literários, visto que é por meio deles que refletimos de forma crítica sobre os problemas e as mazelas sociais, bem como damos vozes aos grupos minoritários que foram esquecidos e silenciados pela sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CANDIDO, A. **Direitos Humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DEBERT, G. G. Gênero e Envelhecimento: os programas para a terceira idade e o movimento dos aposentados. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

FARES, J. A. Imagens da matinta perera em contexto amazônico. **Revista Boitatá**. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Londrina, v. 03, p. 01-17, 2007.

FARES, J. A. **Imagens da mitopoética amazônica**: um memorial das matintas pereras. 1997. 180 f. Dissertação (Mestrado). Belém: PPGL-UFPA, 1997.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2010.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOLDENBERG, M. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade, 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IFNOPAP e Na Cuiá lançam podcast sobre narrativas orais da Amazônia paraense. **Portal da UFPA**. Belém/PA. 04 de Março de 2020. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/11400-ifnopap-e-na-cuia-lancam-podcast-sobre-narrativas-orais-da-amazonia-paraense>. Acesso em: 24 de outubro de 2021.

KAMKHAGI, D. **Psicanálise e velhice**: sobre a clínica do envelhecer/ Dorli Kamkhagi. São Paulo: Via Lettera, 2008.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. 2 ed. Barcelona: Laertes, 1996.

PEREIRA, M. A. **Lendas e mitos do Brasil** Coord. Ed. Maria José de Castro Alves. Belo Horizonte, 2007.

RAMOS, A. J. A. **Maravilhoso e alteridade em narrativas da matintaperera**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA). Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Castanhal, 2019.

RODRIGUES, L. G. **A arte das narrativas orais urbanas: performance, história, memória e ficção**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2010.

SALGADO, C. D. S. MULHER IDOSA: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SIMÕES, M. P. S. G. (Org.). **Bragança conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 2016.

SIMÕES, M. P. S. G. Lendas e Mitos da Amazônia. **Revista Litteris Literatura**, p. 10 - 25, 2010.

SIMÕES, M. P. S. G. S.; GOLDER, C. (Orgs.). **Abaetetuba conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995c.

SIMÕES, M. P. S. G. S.; GOLDER, C. (Orgs.). **Belém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995b.

SIMÕES, M. P. S. G.; GOLDER, C. (Org.). **Santarém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995a.

SOUSA, G. S. **Dos Grimm ao IFNOPAP: entre o ouvido e o traduzido**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia -PPGLS), UFPA, Bragança, PA.

TIBURI, M. A. Descartes e Beckett ou sobre a escuridão da certeza. Pequeno experimento de submetateoria, protometateoria, metaprototeoria à procura de um método. In: Ricardo Timm de Souza; Rodrigo Duarte. (Org.). **Filosofia & Literatura**. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, v. 1, p. 35-69.

VIEIRA, B. C. F. Bruxaria e Feminismo. Uma análise da independência da mulher através dos seriados de TV. In: **Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura- Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural**. Ilhéus, 2007.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres/ Naomi Wolf**. Trad. Waldéa Barcellos. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Sobre os autores

Andressa de Jesus Araújo Ramos

Mestra em Estudos Antrópicos na Amazônia pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: adjaramos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1113-443X>

Rubetil da Silva Oliveira

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: rubetil.oliveira@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9846-4695>

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Contato: galvao@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7678-2895>

Artigo recebido em: 30 de outubro de 2021.

Artigo aceito em: 04 de abril de 2022.